

# APRESENTAÇÃO

Aproxima-se o Sínodo Especial dos Bispos para a Amazônia, a ser realizado em Roma, em outubro de 2019. Seu objetivo, definido pelo Papa Francisco, é “encontrar novos caminhos para a evangelização daquela porção de Povo de Deus, sobretudo dos indígenas, muitas vezes esquecidos e sem perspectiva de um futuro sereno, também por causa da crise da floresta amazônica, pulmão de importância fundamental para o nosso planeta”.

Este livreto surgiu da vontade de querer divulgar ao máximo esse sínodo e expor o processo sinodal e sua temática. Com certeza, esse evento eclesial iluminará não apenas a Igreja da Amazônia com seus povos, mas toda a Igreja universal. “Tudo está interligado”, diz o Papa Francisco.

*CARDEAL DOM CLÁUDIO HUMMES, OFM*

## O ANÚNCIO

**A**conteceu no dia 15 de outubro de 2017, na Praça São Pedro, em Roma. O Papa Francisco havia terminado a solene missa de canonização dos protomártires brasileiros de Cunhaú e Uruaçu, bem como de dois adolescentes indígenas mexicanos mártires. Eu tive a graça de estar ali na praça, concelebrando a missa. Na noite anterior, o Papa me havia dito: “Amanhã vou anunciar o Sínodo Especial para a Amazônia”.

De fato, na sua alocução de encerramento da celebração, com a praça repleta de povo, muitos cardeais e bispos presentes, a imprensa mundial atenta, o Papa Francisco, dirigindo-se à multidão, disse:

Acolhendo o desejo de algumas Conferências Episcopais da América Latina, assim como a voz de diversos pastores e fiéis de outras partes do mundo, decidi convocar uma *Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região pan-amazônica*, que terá lugar em Roma no mês de outubro de 2019. A finalidade principal dessa convocação é encontrar novos caminhos para a evangelização daquela porção de Povo de Deus, sobretudo dos indígenas, muitas vezes esquecidos e sem perspectiva de um futuro sereno, também por causa da crise da floresta Amazônica, pulmão de importância fundamental para o nosso planeta.

A multidão aplaudiu calorosamente, entre surpresa e feliz.

Esse sínodo anunciado haveria de ter características muito inovadoras. Primeiro, porque abarcaria somente uma parte geográfica dos vários países envolvidos, e não o todo. Além disso, pela primeira vez os indígenas seriam tema central e interlocutores fundamentais de um sínodo, bem como a ecologia.

A Pan-Amazônia ou simplesmente Amazônia é uma região geográfica latino-americana que é compartilhada por 9 países. Desse território, em números arredondados, 67% pertence ao Brasil, 13% ao Peru, 11% à Bolívia, 6% à Colômbia, 2% ao Equador e 1,1% a Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa. O território tem 7,8 milhões de km<sup>2</sup> de superfície e conta com 34 milhões de habitantes, dos quais cerca de 3 milhões são indígenas. Estes formam 390 povos, dos quais 137 não contatados ou voluntariamente isolados, com 240 línguas faladas pertencentes a 49 famílias linguísticas. Uma imensa riqueza cultural, histórica, religiosa e étnica, hoje mais do que nunca ameaçada!

A decisão do Papa de realizar um sínodo para a Pan-Amazônia resulta de um processo gradual, que já se iniciou em 2013, durante sua viagem ao Rio de Janeiro, em julho, para presidir a 28ª Jornada Mundial da Juventude. Ali, num discurso aos bispos brasileiros presentes na Jornada, o Papa deu um destaque especial à Igreja na Amazônia. Identificando a Amazônia “como teste decisivo, banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileira”, acrescentou:

A Igreja está na Amazônia não como aqueles que têm as malas na mão para partir depois de terem explorado tudo o que puderam. Desde o início, a Igreja está presente na Amazônia com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos, e lá continua presente e determinante no futuro daquela área. [...] Queria convidar todos a refletirem sobre o que Aparecida disse a propósito da Amazônia, incluindo

o forte apelo ao respeito e à salvaguarda de toda a criação que Deus confiou ao homem, não para que a explorasse rudemente, mas para que a tornasse um jardim.

Citando Aparecida, o Papa recorda a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, em Aparecida, Brasil, em 2007, da qual ele também participou como cardeal-arcebispo de Buenos Aires.

No discurso acima citado, o Papa fala ainda aos bispos brasileiros que a Igreja na Amazônia precisa consolidar seu “rosto amazônico” e “formar clero autóctone”. E conclui: “Sobre isso, peço, por favor, para serem corajosos, para terem ousadia!”.

Um tempo depois, estando eu em Roma, o Papa me disse em particular: “Dom Cláudio, tenho a ideia de reunir os bispos da Amazônia, talvez um sínodo. Mas a ideia ainda não está madura. Reze comigo para isso”. Também a outros bispos ele falou dessa sua ideia e pedia orações. Tomando conhecimento desse desejo do Papa, também as Conferências Episcopais da região concordaram e apoiaram a ideia de um sínodo.

Quando estive no Brasil, em 2007, para abrir a já citada 5ª Conferência Geral dos bispos latino-americanos, em Aparecida, o então Papa Bento XVI em discurso aos jovens no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, lhes chamou a atenção sobre “a devastação ambiental da Amazônia e as ameaças à dignidade de seus povos” e pediu aos jovens “um maior compromisso nos mais diversos espaços de ação”.

O próprio Documento Conclusivo de Aparecida, referindo-se à Amazônia, diz:

Nas decisões sobre as riquezas da biodiversidade e da natureza, as populações tradicionais [os indígenas] têm sido praticamente excluídas. A natureza foi e continua sendo agredida. A terra foi depredada. As águas estão sendo tratadas

como se fossem mercadoria negociável pelas empresas, além de terem sido transformadas num bem disputado pelas grandes potências (n. 84).

O documento também propõe ações necessárias em relação à Amazônia e à presença da Igreja nesta região:

Criar nas Américas consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade. Estabelecer entre as Igrejas locais de diversos países sul-americanos que estão na bacia amazônica uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas, para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum (n. 475).

Por todas estas razões, o anúncio de um Sínodo Especial para a Amazônia foi um acontecimento histórico determinante e cheio de esperanças.

## O PERCURSO SINODAL

O Papa Francisco sublinha que a Igreja deve saber escutar. Ver e escutar. Este é o caminho que o sínodo deve percorrer em sua preparação. Foi o que levou Francisco a viajar, em janeiro de 2018, a Puerto Maldonado, no Peru, para se encontrar com os povos indígenas da Amazônia. Ele queria ver de perto esses povos em seu território e escutá-los. Durante o encontro, ele declarou: “Hoje aqui se inicia o Sínodo para a Amazônia”.

Foi um encontro histórico e fascinante. Mais de dois mil indígenas acorreram de todas as partes da Amazônia, principalmente da Amazônia peruana. Representavam dezenas de povos diferentes. Na tarde anterior à vinda do Papa, a REPAM (Rede Eclesial Pan-Amazônica) havia realizado um longo encontro com os indígenas, no qual na maior parte do tempo, eles falaram de sua identidade, sua história e cultura, seus sofrimentos, suas reivindicações e seus sonhos. A REPAM foi solicitada pelo Papa para ajudar a Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos a preparar o sínodo.

O encontro do Papa com os indígenas aconteceu num grande estádio coberto de Puerto Maldonado. O Papa sentou-se, simbolicamente, no meio dos chefes e dos sábios idosos daqueles povos. O estádio estava lotado de indígenas com seus trajes típicos e daqueles que acompanhavam o Papa. Foram os indígenas que falaram por primeiro, e Francisco escutou atentamente, com muito respeito e carinho.

No seu discurso, o Papa declarou: “Quis visitar-vos e escutar-vos, para estarmos juntos no coração da Igreja, solidarizarmo-nos com os vossos desafios e, convosco, reafirmarmos uma opção sincera em prol da defesa da vida, defesa da terra e defesa das culturas”. Mais adiante disse: “Considero imprescindível fazer esforços para gerar espaços institucionais de respeito, reconhecimento e diálogo com os povos nativos, assumindo e resgatando a cultura, a linguagem, as tradições, os direitos e a espiritualidade que lhes são próprios. Um diálogo intercultural, no qual sejais os principais interlocutores”. O sínodo quer ser um destes espaços para o diálogo e o resgate, no qual os povos indígenas da Amazônia sejam “os principais interlocutores”.

Em outros momentos de seu discurso, o Papa disse ainda: “Provavelmente, nunca os povos originários amazônicos estiveram tão ameaçados nos seus territórios como estão agora. A Amazônia é uma terra disputada em várias frentes [...]. Devemos romper com o paradigma histórico que considera a Amazônia como uma despensa inesgotável dos Estados, sem ter em conta os seus habitantes”. “A Amazônia, além de constituir uma reserva da biodiversidade, é também uma reserva cultural que deve ser preservada face aos novos colonialismos.” “Peço aos meus irmãos bispos que, como já se está a fazer mesmo nos lugares mais remotos da floresta, continuem a promover espaços de educação intercultural e bilíngue nas escolas e nos institutos pedagógicos e universidades.” E dirigindo-se novamente aos indígenas, fala da necessidade da inculturação da Igreja nas culturas deles:

Cristo também se encarnou numa cultura, a hebraica, e a partir dela se ofereceu como novidade a todos os povos. [...] Precisamos que os povos indígenas plasmem culturalmente as Igrejas locais amazônicas. [...] Ajudai os vossos bispos, ajudai os vossos missionários e as vossas

missionárias a fazerem-se um só convosco e, assim, dialogando com todos, podeis plasmar uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena. Com este espírito, convoquei um Sínodo para a Amazônia no ano 2019, cuja primeira reunião do Conselho Pré-Sinodal se realizará aqui, hoje de tarde.

De fato, naquela tarde ali mesmo, em Puerto Maldonado, reuniu-se pela primeira vez o Conselho Pré-Sinodal desse sínodo. Trata-se de um conselho que é formado para cada sínodo. Ele ajuda a Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, organismo da Cúria Romana, a preparar e organizar o respectivo sínodo. No caso do Sínodo para a Amazônia, ele se compõe na maioria por bispos da Amazônia. Nessa primeira reunião, a partir do que o Papa havia definido na Praça São Pedro, como objetivos, e tendo falado de “novos caminhos”, o conselho elaborou o tema do sínodo nestes termos: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Portanto, trata-se de encontrar “novos caminhos”, e não apenas dinamizar os velhos caminhos!

A partir desse tema, o conselho elaborou o documento preparatório destinado a promover uma consulta em todas as dioceses, prelazias e vicariatos apostólicos da Pan-Amazônia. O objetivo é ouvir o máximo possível a população do território, especialmente os povos indígenas, bem como os bispos, as comunidades e seus missionários e missionárias. O documento apresenta um texto sobre o tema do sínodo e um questionário a ser respondido. O prazo para as respostas é de alguns meses, terminando em fevereiro de 2019. Essa consulta é fundamental, visto que o sínodo quer ser um caminho que se faz junto com as populações do território. É realizado um grande programa de encontros, assembleias territoriais e outras formas de se reunir para estudar o tema e responder ao questionário.

Com o resultado dessa consulta, o Conselho Pré-Sinodal elabora um texto, chamado Instrumento de Trabalho, que é depois estudado no próprio sínodo, que a partir dele chega a suas próprias conclusões e as vota.

São convocados para o sínodo todos os bispos da Pan-Amazônia, exceto os já aposentados. O Papa preside o sínodo.

## A CRISE CLIMÁTICA E ECOLÓGICA

**N**osso planeta sofre hoje uma grave crise climática e ecológica. A superação da crise é urgente. Mas ainda há tempo. Contudo, é necessário começar já.

A publicação da Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS) do Papa Francisco, em maio de 2015, sobre “o cuidado da casa comum” e poucos meses depois, em dezembro, a realização da COP21 em Paris, que se encerrou com a publicação de um amplo acordo climático, fundamental para superar gradativamente a crise, ainda neste século XXI, assinado por mais de 190 países, despertaram a consciência mundial. Esses dois documentos históricos irrefutáveis são baseados no consenso da quase unanimidade dos cientistas da área. Não constituíram uma surpresa total, porque em todo o mundo já se percebia que o clima estava piorando de forma preocupante e a natureza era devastada, contaminada e degradada aceleradamente. O planeta não está mais aguentando tanta destruição e intervenção irresponsável e predatória por parte da atividade humana.

Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco chama o nosso planeta Terra de “nossa casa comum”, da qual devemos cuidar. Hoje ela aparece devastada, degradada, depredada, gemendo e pedindo socorro. Já em 1971, o Papa Paulo VI, hoje santo, “referiu-se à problemática ecológica, apresentando-a como uma crise que é ‘consequência dramática’ da atividade descontrolada do ser humano: ‘Por motivo de uma exploração inconsiderada da

natureza, [o ser humano] começa a correr o risco de destruí-la e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação” (LS, 4). Os Papas seguintes também alertaram para a necessidade de uma conversão ecológica global para o bem do planeta.

O Papa Francisco chama todos ao diálogo para buscar caminhos de solução da crise. Ele diz:

Basta olhar a realidade com sinceridade para ver que há uma grande deterioração da nossa casa comum [...]. Parece notar-se sintomas de um ponto de ruptura, por causa da alta velocidade das mudanças e da degradação, que se manifestam tanto em catástrofes naturais regionais como em crises sociais ou mesmo financeiras, uma vez que os problemas do mundo não se podem analisar nem explicar de forma isolada (LS, 61).

De fato, estamos nos aproximando perigosamente do limite da sustentabilidade do planeta. Trata-se de uma crise ecológica mundial grave. Veja-se o drástico e crescente aquecimento climático global nas últimas décadas. Lado a lado com a crise climática, manifesta-se a crise ecológica, fruto da devastação, da contaminação e conseqüente degradação da Terra. A crescente destruição das florestas, especialmente das florestas tropicais, a contaminação agrotóxica das terras cultiváveis, a devastação e a contaminação causadas pela mineração, a contaminação dos rios, lagos e igarapés, a poluição do ar, o acúmulo de lixo não devidamente tratado, tudo isso manifesta a gravidade da crise ecológica. A crise climática, por seu lado, se manifesta por temperaturas extremadas em invernos muito frios e verões muito quentes, em chuvas e inundações cada vez mais pesadas, secas mais longas e mais severas, água potável e segura cada vez mais escassa, furacões e ciclones mais devastadores, descongelamento alarmante das geleiras, subida do nível dos oceanos.

Sobre o lixo acumulado, o Papa diz:

Produzem-se anualmente centenas de milhões de toneladas de resíduos, muitos deles não biodegradáveis: resíduos domésticos e comerciais, detritos de demolições, resíduos clínicos, eletrônicos e industriais, resíduos altamente tóxicos e radioativos. A Terra, nossa casa, parece transformar-se cada vez mais num imenso depósito de lixo (LS, 22).

E acrescenta: “Esses problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, que afeta tanto os seres humanos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo” (LS, 22). Caminham junto com o descarte, o desperdício e o consumismo sem freios, como se a terra tivesse recursos ilimitados!

O Papa assinala ainda que de toda essa devastação e degradação as primeiras vítimas são os pobres.

As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Provavelmente, os impactos mais sérios recairão, nas próximas décadas, sobre os países em vias de desenvolvimento. Muitos pobres vivem em lugares particularmente afetados por fenômenos relacionados com o aquecimento, e os seus meios de subsistência dependem fortemente das reservas naturais e dos chamados serviços do ecossistema como a agricultura, a pesca e os recursos florestais (LS, 25).

Por essa razão, o Papa afirma: “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. A diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (LS, 139). O grito da natureza e o grito dos pobres são o mesmo grito.